

# O NOTICIADOR,

## JORNAL POLIT., LITT., E MERCANT

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
"HÉPOLITO JOSÉ DA COSTA"

Subscrição-se para esta folha, que sairá ás Terças, e Sextas feiras, 4.000 rs. por semestre, pagos adiantados, e vendem-se: Números avulsos á 50 rs., na Typographia, ao lado do fregado, na Loja do Sr. Carlos Antonio da Silva Soares, e na officina do Sr. Antonio Joaquim da Silva Marante, na rua da Praia.

La Liberté est la mere des vertus, de l'ordre, et de l'humanité: l'esclavage au contraire, ne produit que des vices de la lâcheté, et de la misère.

SINCEY, tome II. SECTION II. Page. 296.

VILLA DO RIO GRANDE DO SUL NA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO XAVIER FERREIRA.

### INTERIOR. CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

No seu n. 17, e debaixo do artigo Interior, todo se afana vm. em communicar aos seus leitores a historia de huma carta que lhe dirigirão desanove Cidadãos desta Villa, e como vm. porisso usasse de demasiada acrimonia, e se valesse de termos, *que de certo a creditão pouco a seu author*, entendeu um dos desanove que lhe devia responder. Diz vm. que se lhe pediu a publicação dos artigos que vm. fez o obsequio de inserir no seu predito n.º, e que isto foi *depois de algum palarrorio*: Acaso entenderá o Sr. Redactor que he *palarrorio* disserem os desanove Cidadãos que exultarão de prazer pela satisfactoria noticia dos acontecimentos do Rio; acontecimentos que *tranquillizarão os animos, e desvanecerão os finestres presagios que já de ante mão inluturava os bons Brasileiros?* Se com effeito isto he *palarrorio* para o Sr. Redactor, bem como o ha de ser para os *Farronpilhas, Escalvados, Menhocas etc.* de certo que o não he para os bons Brasileiros, inclusive os desanove. Mas quem sabe se o Sr. Redactor alale o *palarrorio* aos termos de *sempre interessante AURORA, o SEU benemerito Redactor?* A ser assim, não admira, porque isso também sera *palarrorio* para os *Queirozes, Bezequeis, Marcellinos* e outros d'esta estola. *Bem poderamos avançar alguma coisa mas a este respeito, mais preferimos antes não dar importancia a hum objecto que o não merece.* Avança o Sr. Redactor que he *grosseira calumnia*, o pedirem os 19 Cidadãos que inserisse os indicados artigos da AURORA, *não só porque tão salutar noticia chegasse ao conhecimento de todos os seus assignantes, como para desvanecer*

*os boatos de que vm. a isto se tinha subtrahido* Chamar a isto calumnia he fazer hum ataque a bom senso. Com que hermenautica interpretou Sr. Redactor estas palavras? He bem certo que quando se está allucinado desaparece a razão, e do se atropella, tudo se desfigura, e até se tomam *moinhos por castellos.* Espicaremos Sr. Redactor detalhadamente (já que isso he preciso) o sentido obvio daquellas palavras que vm. toma com *grosseiras calumnias.* Os 19 que lhe dirigirão a carta conhecendo o espirito e bons sentimentos que animão a maioria dos moradores desta Villa, ouvindo transpirar que vm. se negara a dar publicidade a relação da GRANDÉ PARADA DAS GUARDAS NACIONAES, a Proclamação que n'esse acto lhe dirigio o Governo etc. etc., e vendo que isso o comprometteria com a opinião publica, pedirão-lhe como seus assignantes que vm. inserisse aquelles artigos mesmo para *desvanecer os boatos de que vm. a isto se tinha subtrahido.* Ora haverá alguém de boa fé e em seu juizo, que chame a isso *grosseira calumnia?* Ou antes não dirá todo o mundo que este passo fôra em honra da reputação do Sr. Redactor, ou para melhor dizer da sua Folha que os 19 dezeirão sustentar, e que foi por isso que elles lhe auguriarão quasi todas as 500 assignaturas que tem o Sr. Redactor, e isto por supposição que d'esta empresa poderia resultar alguma vantagem ao Publico? Tem o Sr. Redactor toda a razão quando diz que não precisa de collaboradores; de certo, que para transcrever artigos de outras folhas (a excepção das suas grandes traducções de Holback, e notas) inda mesmo para fazer com isso hum grosso volume, não he preciso adutorio, basta só só minima quantidade de typo, compositores, e prelo.

Em uma carta n. 15 abaixo, mas que parece ter alguma relação com o que o Sr. Redactor responde nos 19. Fala da injustiça que se lhe faz em se lhe imputar a redacção da publicação de correspondências contra *algunas pessoas d'esta Villa*, quem ler isto lá por longe, pensará que n'este lugar não se occupão senão em escrever umas cartas os outros: o que he falsidade, pois nos consta pelo mesmo dono da Typographia que o que allí ha, he somente contra hum empregado publico; e n'esta occasiõ o foi o Sr. Redactor tão exacto como quando disse a seu correspondente o Sr. *Observador da Lei*, que tinha deixado de aceitar correspondências *atrevidas e atacantes*. Em conclusão, o não podemos deixar de notar a singularidade, contradicção e inquisitorial deliberação, de não querer o Sr. Redactor admitir correspondências contra abusos de empregados publicos; mas a este respeito os seus subscriptores para o seguinte semestre, lhe fôrto a justiça que isto merece. Roga-se ao Sr. Redactor, em cumprimento a sua palavra, haja pela primeira e ultima vez, dar publicidade a esta correspondência, em desforço dos desanove Cidadãos seus assignantes que vim tão injustamente offendo.

Rio Grande 5 de Março de 1852.

*Hom dos desanove*

Responsabilisome na fórma da Ley

*Delfino Lorenza de Souza.*

— A maneira grosseira, e insultante, com que o nosso correspondente, ou antes a sua sucia, nos dirige as suas sátiras, e invectivas, quasi que não merece a pena de lhe responder com seriedade: mas pouco adestrados em manejar as armas do ridiculo, e da maledicencia, favoritas só do homem ignorante, e incapaz de pensar, lançaremos mão antes da arma formidavel da razão, como mais accoimodada aos nossos sentimentos, e mais propria da dignidade de um escriptor livre sem excessos. Presentes terão os nossos leitores o nosso n. 17, em que nos queixamos da sem razão, com que se tinha inventado, e de proposito espalhado o boato de que não quizeramos transcrever uns artigos d' *Aurora*, que se dizia nos tinham sido apresentados: contámos o facto exactamente como havia succedido, para fazer patente a calumnia do auctor de tal boato; e para melhor fazer sobresahir a sua falsidade pedimos a um dos 19, que declarasse quem foi que nos mostrou as *Auroras*, que disse o tinha nos recusado transcrever. Era preciso pois que soubesse de traz da cortina o intrigante, e que se declarasse que tinha contado tal o facto, em que o seu circulo não o tinha bem conhecido;

visto que não era de presumir que elle se zambasse a confessar, que o tinha de proposito adalterado, com esta lada vista de nos deprimir. Mas como á um *patriota por excellencia* fica sempre a o descer da sua categoria, e confessar-se titulado, sobretudo quando do seu engano pode resultar algum prejuizo ao merito, e á honra daquelles, que por inveja, ou por qualquer outro principio ainda mais vergonhoso, não pode deixar de aborrecer; tomámo como meio mais facil de desembrolhar o enredo, o apuntar á primeira calumnia novas injustas imputações, e de mais insultos, e sarcasmos; cuidando com isso desdoyrar a nossa reputação: como se não estivessem patentes os nossos sentimentos, e se todos não soubessem, que o homem que tem, principalmente no Brasil, a dedida de escrever para o publico, está constantemente sujeito aos tiros da maledicencia, e da perversidade.

Diz o grande campeão da litteratura, auctor da satirica correspondência (não sabemos se por malicia, ou se por estupidez) que nós *avancamos, que era grossa calumnia o pedirem os 19 cidadãos, que transcrevessem os indicados artigos da Aurora*. Com effeito, os homens são muito finos; não se pode negar: que subterfugio forão elles execogitar, que não só os lava de toda a noção de calumniadores, mas ainda faz attribuir sobre nós o discreditto, e a indignação publico! Ora, quem não vê que não foi ao pedido, que se nos fez a inserção daquellas noticias, que chamámos calumnia, mas sim ao falso boato de que nós á isso nos tinhamos subtrahido? A cavillação é tão manifesta, que julgaríamos fazer uma affronta ao bom senso dos nossos leitores, se mais nos demorassemos em demonstrala.

Entre os varios insultos, com que fomos mimoseado, sobressahe a comparação, que de nós se fez com os *farcepillhas, exaltados, misihocas etc.* Pobre gente! Quanto melhor fôrta que se não adiantasse tanto; excusava de assim se dar mais á conhecer? Quando não, vejamos como se ha de ella escapar á consequencia deste syllogismo: Nós somos conhecidos como um cidadão amigo da ordem, da lei, e da tranquillidade, como de so-lejo attestão n. o só a nossa vida privada, n. tambeem como escriptor publico. 50 n.º do *Observador*, escriptos na Corte, onde sempre combatemos os *rueguentas*, e de mais 18 n.º de a folha, em que temos seguido a mesma marcha, patenteando sentimentos livres, dentro dos limites da lei, sendo até accusado por elles mesmos, e mesmo na sua acrimoniosa correspondência, por demaziadamente moderado. Os *rueguen-*

tos são conhecidos em toda a parte por calunniarem, intrigarem, invectivarem, detestarem, fazerem, em summa, toda a especie de guerra aos escriptores livres, que escrevem no nosso sentido, e que tem opposto aos seus planos uma barreira inexpugnavel. Mas, o nosso correspondente e os seus sequazes demonstrão evidentemente; como se acaba de ver, á nosso respeito, estes mesmos sentimentos: ergo, que venra ser todos elles? Digão-no elles mesmos; que são homens de *leu senso, e de muita hermenautica*. Mas, coitados! Disso não são elles culpados: trai-os a sua acanhada intelligencia, que mais não pôde alcançar.

Fallão os homens em nos comprometter com a opinio publica: o que chamamõ elles opiniao publica? A de um punhado de homens exaltados, ignorantes, e sem especie alguma de merito, que infestão todos os pontos do Imperio? Criminoso, e com rasão aborrecido foramos nós, se abdicouassemos agradar á gente tão abjecta. Querem fallar da opiniao da maioria? Acaso ignoramõ elles, que esta folha tem merecido o conceito da maior parte dos nossos leitores, não só da Provincia, como dos longes do Imperio, onde é conhecida; tanto que elles mesmos se tem visto muitas vezes na dura obrigação de condescender com essa mesma opiniao, e de tributar-lhe elogios; bem contra o seu pesar? Não, elles não o ignoramõ: antes esse é o forte motivo, que lhes faz exaltar contra nós toda a sua raiva.

Uma coiza, que não deve tambeem passar sem commentõ, é o dizerem elles, que os 19 forão es que nos assignarão as 50 assignaturas, que dizem temos: semelhante paronada, outra coiza não desafasenaõ o risor: itas naq. accentece assim, quando elles nos ameaçã, que para o seguinte semestre tomam de fazer sem assignantes: isso sim; confessamos que nos fez arripiar as carnes de medo; e certamente será o que nos ha de fazer mudar do rumo prudente e razoavel, que temos levado até o presente.

Cumpra tambeem fazer notar aos nossos leitores uma arte-manha, que n. o escapou aos nossos olhos onistas, para melhor poder corar o seu embuste; e he: que sendo a carta escripta na loja do Sr. *Carlos Antonio da Silva Soares*, que he o mesmo, que nos mandou mostrar a paratempõem em vulto, de que ja fellamos em o n. 17, an-tou-se até o fim da Villa: *angariando assignaturas*, e de proposito procurando as de cidadãos honrados e publicos; e de facto conseguirão fazela assignar por alguns poucos, que nada tem de *semmun-*

com a seita dos auctores de toda a intriga: constanos positivamente, que elles assignarão na persuasão, de que ella nada continha de falsa, nem de offensiva: pelos nomes dos assignantes, qual-quer pessoa desta Villa poderá facilmente distinguir quaes os que assignarão de boa fé, e quaes os que por malicia. (1)

Por fim rematão todo aquelle aranzel de disparates, e de invectivas, ceurando-nos, ou antes insultando-nos, por termos annunciado, que não aceitaríamos mais correspondências atacantes, nem mesmo da vida publica do cidadão: dando com isto mais uma prova do espirito exaltado, e vertiginoso, que nos anima: muito havia á diser á semelhante respeito; e não menos sobre o auctor da satira, de que o Sr. Delfino foi o testa de ferro; mas deixaremos isso para outra occasião, se preciso for. Agora diremos unicamente, que tendo por experiencia conhecido, que as queixas que todos os dias se dirigem contra os empregados publicos, são mais vezes destinadas á saciar vinganças, odios, e outras paixões despreziveis, e mais proprias para disseminar a immoralidade, entre o povo, como entre os funcionarios, do que para esclarec-lo sobre os abusos, e erros da nossa administração; e não ignorando tambeem a injustiça, a calumnia, a parcialidade, e os escolhos de toda a natureza, com que tem a lutar o cidadão, que tem a infelidade de servir a um povo pouco illuminado, e desvariado pelo espirito de partido, e das rivalidades; resolvemos de guardar nesta parte toda a prudencia, e circumspecção. Quando as authoridades perpetrarem abusos, de que tenhamos completo conhecimento não duvidaremos admoestallas, com aquella moderação, que cumpre á um cidadão, que sabe repetir as leis, e seus depositarios; porem os excessos abais cometeremos, e nos facilitaremos á alguém os meios de os cometer.

(1) *Como os homens não gostam de votar e harem atormentallos com mais esta. — Os nomes dos 19 são seguintes: Delfino Lorenza de Souza, como Redactor de 12 assignantes; João da Costa Gualarte, Vicente Manoel d'Espedola, Francisco José Gonçalves Costa, Manoel da Costa Bezerra, Manoel Bernardino Soares, José dos Santos Magalhães, José Vieira de Sá, António Joaquim da Silva Marizante, Serafim de Paula Freire, Pablo de Collecção, Thomaz José de Campos, Carlos Antonio da Silva Soares, Manoel Aires Pires, Profyria Pereira, e Manoel Luiz Augusto da Silva, Apud Rio Grande, n. 17, de 1852.*

De resto, sempre queremos aconsellar aos nossos patriotas per *cacellaria*, que se deixe a de exaltamentos, e que se regulem antes pelos dictames da prudencia, e da razão; pois a maioria do nosso povo conhece assaz os seus interesses, e ainda tem d'agora de si o quadro dos males, que os exaltados tem acarreitado sobre todo o Brasil, para se deixar levar das perdidas insinuações de meia duzia de estouvados. Da nossa parte, n.º o esperem jamais *ostententias*, que capitulemos com elles; embora ralhem, rirão, ou nos perseguirã: continuaremos com o até aqui a propagar pela liberdade legitima, e a aconsellar unice, moderação, respeito ás leis, e amor do trabalho. E para que a resposta não vá menos em verso, do que em prosa, terminaremos com as seguintes palavras de um illustre Classico Portuguez:

« *Delino*, eu vou seguro desprezando,  
Engenhos mal tornados, á um só certo  
Juizo, bom, fiel sempre me atando.  
.....  
..... gente cega,  
.....  
Nem os estimo, nem me vão movendo.»

MINISTÉRIO DO IMPÉRIO.

DECRETO.

A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II. Ha por bem Sanccionar, e Mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléa Geral Legislativa.

Art. 1.º São dias de Festividade Nacional em todo o Imperio:

§. 1.º O Dia Sete de Abril.

§. 2.º O Dia Dous de Dezembro.

Art. 2.º Fica supprimida a Festividade Nacional do dia doze de Outubro.

José Lino Coatinho, do Conselho do mesmo Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em vinte e cinco de Outubro de mil oitocentos e trinta e hum, decimo da Independencia, e do Imperio.

Francisco de Lima e Silva.

José da Costa Carvalho.

José Bráulio Muniz.

José Lino Coatinho.

EDITAL.

*Deziderio Antonio d'Oliveira, Administrador da Moza dos Bievers Rendus desta Villa.*

Faço saber pelo prezente Edital, que da data deste em diante, desde as 9 horas da manhã, até as duas da tarde, se arrecadão na dita Alfandega os impostos seguintes:

- Os Direitos de 2 por 100 de Consulado de sahida.
- O do Dazio por exportação ou sahida.
- Os da Siza dos bens de raiz, e meza Siza dos Escravos Indios.
- Os do Subsídio Literario.

Os do Novo imposto de 5 rs. em libra de carrete verde.

Os do Imposto de 16.500 rs. por anno, sobre as casas em que se vende agoardente simples ou composta.

Os do Selho do papel, e heranças.

Os Novos Impostos antigamente denominados do Banco.

E para que chegue á noticia de todos se mandou affixar este na porta d'Alfandega, e imprimir. Rio Grande 1.º de Março de 1852.

O Administrador

*Deziderio Antonio d'Oliveira.*

COMMUNICADO.

Com muita satisfação nos apressamos a comunicar aos Leitores, que no dia 24 de Fevereiro se creou uma Companhia de Guardas Nacionaes na Freguezia de S. João do Erval; porem o nosso prazer aumenta por sermos informados pelo Sr. Juiz de Paz da mesma Freguezia, que nenhum requerimento appareceu pedindo exença de Serviço: todos os Cidadãos se mostrão satisfeitos com o alistamento, que fez o Conselho na distribuição do Serviço Ordinário e da Reserva.

Houva seja dada ao Conselho de qualificação! Louvores aos brizos Ervalenses, que acostumados a por o peito a bala em defesa da Patria e da Liberdade, voluntariamente se votar o ao serviço sem procurarem frivolos pretextos para vergonhozas izeuções!

Sahirão elleitos para Officias da Companhia os Srs. Antonio Luiz de Freitas, (Capitão) José Theodoro da Silva Braga, (Tenente), e Jeronimo José Nunes: (Alferes); aquelles Officias do Regimento n.º 21; este do Regimento n.º 59.

Publicar os nomes destes honeritos Patriotas he fazer o seu merecido e o de esperar, que elles preencheão completamente as fundadas esperanças dos seus Conciudadãos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

A *Aurora*, novo Periodico Portuguez, em L. terra falla de hum tiro dado contra hum a porta do quarto de Dona Maria II., porem isto se julga ser de proposito. Ainda quando o fosse, a porta de S. M. seria prejudicial á causa por algum tempo, porem nem por isso se trabalharia menos para a expulção do infame monstro que governa a Lusitania.

— Corria em Lon-Bres que o Gabinete de Madrid estava mais tranquillo acerca da expedição de